

Uso da linguagem simples como prática no design da informação e design inclusivo

Emília Christie Picelli Sanches¹

Juliana Bueno²

14.1 INTRODUÇÃO

A linguagem simples tem como objetivo deixar os textos acessíveis, fáceis de ler e de se entender, utilizando não somente técnicas de escrita, mas também de organização visual – como hierarquia e tipografia (FISCHER, 2018; REDE LINGUAGEM SIMPLES BRASIL, 2022; SCHRIVER, 2017). Também é uma causa social que defende o acesso, uso e compreensão plena das informações, principalmente àquelas ligadas à administração pública (FISCHER *et al.*, 2019; REDE LINGUAGEM SIMPLES BRASIL, 2022).

Nos tradicionais conceitos de “*o que é design da informação?*” e “*o que é design inclusivo?*”, há pouca menção da linguagem simples tanto quanto área de pesquisa quanto técnica, ainda que esta tenha raízes nas duas outras áreas.

Porém, no que se é documentado sobre linguagem simples, com frequência se vê a menção da área do design da informação como parte do processo de transformação em um texto para linguagem simples (SCHRIVER, 2017). Da mesma forma, mesmo que não tão explicitamente, ela traz as conotações de que a escrita simples busca ser acessível e inclusiva, considerando as necessidades de cada pessoa (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2020; REDE LINGUAGEM SIMPLES BRASIL, 2022).

1 Doutoranda em Design, UFPR – Programa de Pós-graduação em Design, Curitiba, PR, Brasil. ORCID: 0000-0002-0484-0723.

2 Professora Doutora, UFPR – Programa de Pós-graduação em Design, Curitiba, PR, Brasil. ORCID: 0000-0001-5922-7638.

Entendendo que a linguagem é menos introduzida na documentação sobre design da informação ou design inclusivo, ainda que a ideia esteja intrínseca, considera-se interessante que esse vínculo seja explicitado, trazendo maior conhecimento e interesse sobre a linguagem simples aos designers inclusivos e da informação.

Sendo assim, este artigo tem por objetivo definir brevemente as três áreas (linguagem simples, design da informação e design inclusivo), mostrar a relação entre elas e exemplificar como a linguagem simples foi utilizada no Programa de Pós-graduação em Design da Universidade Federal do Paraná (PPGDesign/UFPR).

Logo, em um primeiro momento, são apresentadas as definições das três áreas. Em seguida, as relações teóricas entre as três áreas são dispostas. Por fim, são mencionadas as pesquisadoras que utilizam linguagem simples dentro do PPGDesign/UFPR e as pesquisas atreladas ao assunto, com exemplificações de reescrita.

14.2 CONCEITUANDO AS 3 ÁREAS

14.2.1 O que é design da informação

O design da informação, enquanto área, segue princípios para a transmissão de mensagens para que sejam facilmente compreendidas, incluindo tanto o seu conteúdo quanto a linguagem e forma de apresentação (PETERSSON, 2002).

Na mesma linha de pensamento, o *International Institute for Information Design* (IID) (2022, tradução nossa) explica o design da informação como “[...] a definição, planejamento e modelagem do conteúdo de uma mensagem e dos ambientes em que ela é apresentada, com a intenção de satisfazer as necessidades de informação dos destinatários pretendidos”.

No âmbito brasileiro, a Sociedade Brasileira de Design da Informação (SBDI) define o que é design da informação de forma bastante similar, mas acrescenta que um dos objetivos da área é “promover a eficiência comunicativa” (SBDI, 2020).

Pontis (2019) aponta que, para chegar a um resultado satisfatório do seu trabalho, ou seja, fazer com que o público perceba, processe, entenda e use a informação, o designer da informação precisa primeiro entender a audiência que irá receber essa informação. É uma área em que o design é realizado centrado na pessoa (FRASCARA, 2016; PONTIS, 2019), em que faz parte do processo “reconhecer e entender os usuários e atender às suas necessidades, possibilidades, limitações, e seus desejos” (FRASCARA, 2016, p. 72, tradução nossa).

Ainda de acordo com Pontis (2019), o design da informação é efetivo quando compreende essas quatro dimensões: o problema enfrentado pelo público; quem são as

peças e quais suas necessidades; qual o contexto de acesso às informações; e qual o conteúdo a ser entregue.

O meio pelo qual a informação é apresentada pode ser tanto físico quanto digital, estar nas formas verbal, pictórica e esquemática (variações da linguagem gráfica apresentadas por Twyman [1982]), e envolver todos os sentidos do corpo humano – ainda que, historicamente, o design da informação venha de disciplinas visuais como design gráfico, tipografia e comunicação visual (CHICCA JUNIOR; CASTILLO; COUTINHO, 2015; JACOBSON, 2000). Por exemplo, uma das teorias em que designers da informação se apoiam é a Teoria Cognitiva do Aprendizado Multimídia (TCAM) de Richard Mayer (2005, 2009), que envolve a organização de imagens e palavras simultaneamente. De acordo com a TCAM, quando a informação é processada por dois canais sensoriais, utilizando imagens e palavras, há o entendimento mais profundo da informação (MAYER, 2005, 2009).

Nesse sentido, se o público de um objeto informacional possui necessidades diversas, como dificuldades de leitura ou deficiências, a informação deverá ser projetada para que a comunicação alcance seu destino final. Por isso, o design da informação cria interrelações com o design inclusivo.

14.2.2 O que é design inclusivo

O design inclusivo é uma área do design que “considera toda a gama de diversidade humana com respeito às habilidades, linguagens, cultura, gênero, idade e outras formas de diferença humana” (INCLUSIVE DESIGN RESEARCH CENTRE, 2022, tradução nossa). O envolvimento e/ou foco nas pessoas com deficiência em projetos de design inclusivo é uma maneira de assegurar que mais pessoas possam utilizar a solução, não estabelecer um artefato exclusivo para elas, já que a premissa é atender um público maior (GOMES, 2018).

Ou seja, entendendo que cada decisão de design pode incluir ou excluir alguém, o design inclusivo almeja promover a inclusão do maior número de pessoas, com o menor número de barreiras possível (INCLUSIVE DESIGN RESEARCH CENTRE, 2022; NICOLLE; ABASCAL, 2001).

Também é tratado como sinônimo com os termos design universal e *design for all*. Apesar de possuírem objetivos similares, algumas diferenças são notadas na literatura, inclusive, possuindo diferentes diretrizes e/ou recomendações. Além disso, Benyon (2019) aponta que o design inclusivo tem uma abordagem mais pragmática do que o design universal, que é mais filosófico. Neste artigo, adota-se a nomenclatura design inclusivo.

O *Inclusive Design Research Centre* (IDRC) (2022) apresenta três princípios do design inclusivo:

- Reconhecimento da diversidade e singularidade;
- Processos e ferramentas inclusivas; e
- Impacto benéfico mais amplo.

Já Benyon (2019, p. 105, tradução nossa) traz quatro premissas do design inclusivo:

“A capacidade variável não é uma condição especial de poucos, mas uma característica comum do ser humano, e mudamos física e intelectualmente ao longo de nossas vidas”;

“Se um design funciona bem para pessoas com deficiência, funciona melhor para todos”;

“Em qualquer momento de nossas vidas, nossa autoestima, identidade e bem-estar são profundamente afetados por nossa capacidade de funcionar em nosso ambiente físico com uma sensação de conforto, independência e controle”;

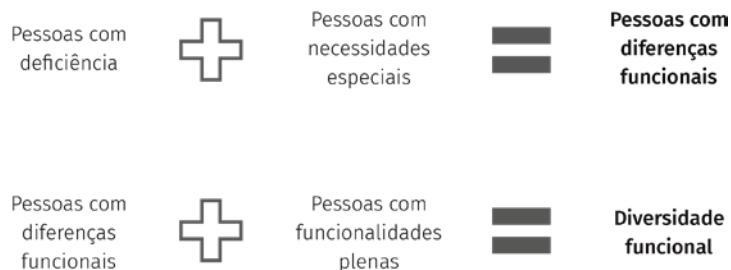
“Usabilidade e estética são compatíveis entre si”.

Assim, entende-se que, mesmo quando há o foco na pessoa com deficiência, o design inclusivo é para todos. Deixar um produto, um serviço ou mesmo um texto acessível, torna a experiência benéfica para outras pessoas.

É o que Gomes (2018, p. 22) disserta sobre o design inclusivo servir para a diversidade funcional (Figura 1), quando diz que

a proposta é ampliar o público destinatário do projeto, considerando características, vivências e necessidades tanto dos grupos dominantes como dos minoritários, ou seja, favorecendo a diversidade funcional humana natural e contribuindo para melhorias da qualidade de vida para todos.

Por isso, o design inclusivo compartilha princípios em comum com a linguagem simples, quando se trata de deixar a comunicação escrita acessível.

Figura 1: Representação gráfica dos termos “diferença funcional” e “diversidade funcional”³

Fonte: Baseado em Gomes (2018).

14.2.3 O que é linguagem simples

A linguagem simples também pode ser denominada, em português, como linguagem clara ou linguagem cidadã. Entretanto, para este artigo, adota-se a primeira denominação. Como justificativa dessa adoção, a linguagem cidadã é o termo utilizado pelo governo brasileiro (CARVALHO; CAPELLI, 2019) e ligado à administração pública, fora do foco deste artigo. Já a linguagem clara é o termo utilizado em Portugal. No Brasil, houve a troca de linguagem clara por linguagem simples a partir de 2020, pela conotação negativa de claro e seu antônimo escuro (MONT’ALVÃO; ESTEVES; DIAS, 2021). No inglês, o termo utilizado é *plain language*.

De acordo com Fischer (2018), o movimento da linguagem simples tem origem em países de língua inglesa, onde a técnica era utilizada em textos corporativos e de administração pública. Não somente isso, na década de 1940, Flesch (1946) publicou seus estudos sobre o uso da linguagem simples para a fala e a escrita, inclusive com fórmulas para determinar a leiturabilidade do texto, para quem tivesse interesse, sem restrições de aplicação – tornando-se referência no tema.

O uso da linguagem simples segue em forte utilização por governos como forma de deixar os textos claros, objetivos e concisos aos seus cidadãos, como Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, Austrália, Nova Zelândia e Colômbia (FISCHER; MONT’ALVÃO; RODRIGUES, 2019). No Brasil, destaca-se o Projeto de Lei PL 6256/2019, que visa instituir uma Política Nacional de Linguagem Simples na administração pública brasileira, em

³ Explica-se que, apesar do termo “pessoas com necessidades especiais” não ser consenso entre autores e, além disso, ter caído em desuso enquanto sinônimo de “pessoas com deficiência”, a autora aborda o termo para exemplificar que há pessoas com características, vivências e necessidades diversas – possuindo ou não uma deficiência. Assim, nesse contexto, está atrelado a vasta diversidade humana.

trâmite até o fechamento deste artigo. Além disso, o movimento vem ganhando mais força pelo trabalho desenvolvido por Fischer (2018).

A Federação Internacional de Linguagem Clara (2022) conceitua que a linguagem simples é a priorização do leitor, na qual há o objetivo de fazer com que as pessoas entendam e usem a informação que está escrita. Para isso, o texto, a estrutura e o design precisam convergir para esse mesmo objetivo (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE LINGUAGEM CLARA, 2022).

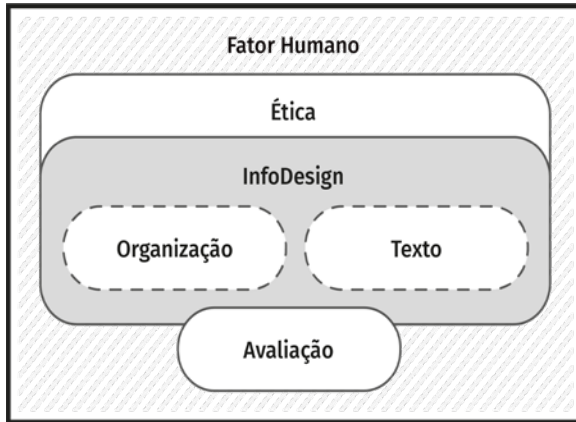
Vale notar que um texto simples e fácil de ler não significa ser pouco informativo, informal ou apenas para pessoas leigas no assunto. Essa é uma concepção errada da linguagem simples (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2020; LORANGER, 2017). O benefício de um texto simples e bem apresentado é para todos, do leigo ao especialista no assunto (LORANGER, 2017).

Heloisa Fischer desenvolveu, em 2019, um Método de Escrita Comunica Simples a partir da sua pesquisa, no qual apresenta 20 diretrizes de aplicação da linguagem simples (COMUNICA SIMPLES, 2022). Sete delas são apresentadas em um curso gratuito disponibilizado pela Escola Nacional de Administração Pública (ENAP, 2022). São elas:

1. Empatia: o texto deve ser sempre centrado na pessoa que vai ler;
2. Hierarquia: a informação mais importante deve aparecer primeiro;
3. Palavra conhecida: escolher palavras conhecidas, explicar jargões, termos técnicos e siglas;
4. Palavra concreta: evitar substantivos abstratos;
5. Frase curta: diretrizes internacionais recomendam até 20/25 palavras;
6. Frase na ordem direta: escrever as frases utilizando a ordem direta (sujeito, verbo, complemento), quando possível;
7. Diagnóstico: checar se há elementos que dificultam a leitura e ajustar o que for necessário (ENAP, 2022).

Mesmo não estando completo, o grupo de diretrizes já traz a ideia de um caminho a se percorrer para chegar a um texto mais simples e acessível para as pessoas. Fischer apresenta uma representação gráfica do seu método (Figura 2).

A representação gráfica mostra que a linguagem simples envolve muito mais que apenas o texto. Não depende somente da escrita, mas também da configuração e organização visual, da avaliação e ajustes necessários, e também da ética e empatia com o público.

Figura 2: Método Comunica Simples

Fonte: Baseado em Comunica Simples (2022).

14.3 COMO A LINGUAGEM SIMPLES, DESIGN DA INFORMAÇÃO E DESIGN INCLUSIVO SE RELACIONAM

Somente pelas descrições dadas anteriormente, é possível fazer a relação entre linguagem simples, design da informação e design inclusivo. As três áreas compartilham um objetivo comum: fazer com que todos (ou o maior número de pessoas) possam ter acesso, ler, entender e utilizar as informações escritas.

A área do design é mencionada pela *Plain Language Association International* (PLAIN) (2022) como um dos cinco processos a serem considerados para se alcançar a informação simples. Exemplificam que leiaute, tipografia e informações gráficas são alguns dos aspectos de design considerados (PLAIN, 2022).

Não há linguagem simples, inclusive, sem o design da informação. Schriver (2017) enfatiza como a concepção da linguagem simples como apenas uma técnica de escrita é limitada, pois omite “o papel crucial do design gráfico e tipográfico claro” (SCHRIVER, 2017, p. 4, tradução nossa). Além disso, chama as áreas da linguagem simples e design da informação como “irmãs”. Exemplifica: “assim como seus colegas de design da informação, os profissionais de linguagem simples passam muito tempo pensando sobre estratégias para orquestrar palavra, imagem e tipografia” (SCHRIVER, 2017, p. 5, tradução nossa).

Além disso, Redish (2000) apresenta uma definição de design da informação similar ao que hoje se utiliza para a linguagem simples. Para a autora, design da informação é o que se faz para desenvolver um documento (ou comunicação) que funcione para seus usuários. “Trabalhar para seus usuários significa que as pessoas que devem ou querem

usar a informação podem: encontrar o que elas precisam; entender o que elas encontram; usar adequadamente o que elas entendem” (REDISH, 2000, p. 163, tradução nossa).

Não somente a definição de design da informação é similar, como a autora menciona que linguagem simples já foi um outro termo utilizado para definir design da informação, já que é um processo completo de organização da informação, não somente a organização de frases e palavras (REDISH, 2000).

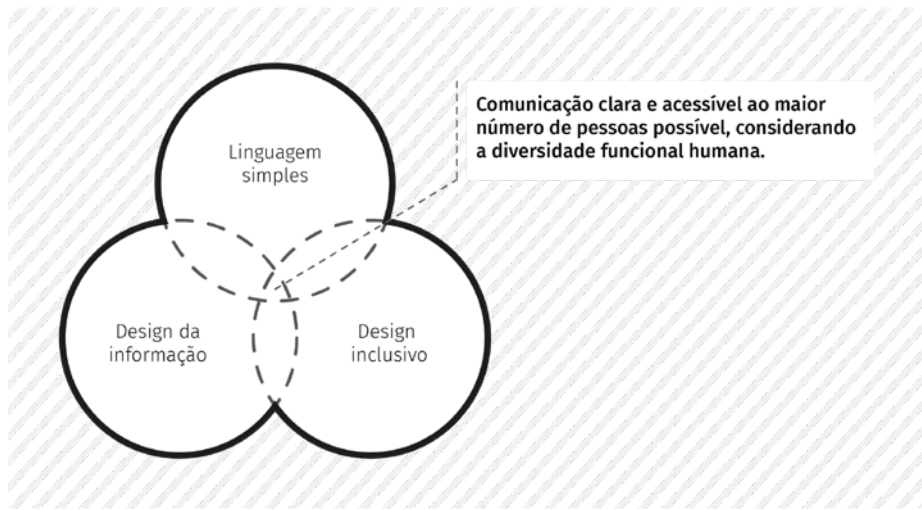
Corroborando com essa ideia, Pettersson (2002) faz uma outra clara conexão do design da informação com a linguagem simples, mesmo que não mencione a última área. Para o autor, “o objetivo no design da informação [...] deve sempre ser a clareza de comunicação. A mensagem deve ser desenvolvida com precisão e transmitida pelo remetente [...] e, em seguida, corretamente interpretada e entendida pelo receptor [...]” (PETTERSSON, 2002, p. 45, tradução nossa).

Quanto à ligação da linguagem simples com a inclusão, compreende-se que a prática de entender o leitor e perceber suas necessidades e limitações já é uma prática inclusiva. A apostila de linguagem simples da Prefeitura de São Paulo (2020, p. 6) deixa a conexão explícita: “a linguagem simples é uma forma de comunicação usada para transmitir informações de maneira simples, objetiva e inclusiva” e “é possível escrever de forma simples e acessível seguindo as normas da Língua Portuguesa”.

Também há a menção de que, junto com a escrita em linguagem simples, toda a informação visual – verbal, pictórica e esquemática –, precisa estar acessível para quem não enxerga (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2020). Ou seja, a área da linguagem simples vai além da escrita inclusiva, já que a organização visual e relação texto-imagem também faz parte da comunicação e, conseqüentemente, precisa ser igualmente acessível a quem lê.

Vale ressaltar que, um texto simples não é considerado acessível se, e somente se, atingir pessoas com deficiência. A inclusão de um texto em linguagem simples alcança a outros indivíduos, estando entre eles os com deficiência (a título de exemplo, pessoas com dislexia). Essa noção se encaixa com os princípios do design inclusivo e está em consonância com o princípio de compreensibilidade e o critério de sucesso “3.1 5 – Nível de leitura” do *World Wide Web Consortium* (W3C), mais especificamente, do *Web Content Accessibility Guidelines* (WCAG), que trata de recomendações específicas para acessibilidade web. “Caso um determinado conteúdo seja tão complexo a ponto de uma pessoa com ensino fundamental completo não ser capaz de entendê-lo, será necessário a sua revisão ou a utilização de conteúdo complementar que facilite a sua compreensão” (WCAG 2.1, 2018, tradução nossa).

Em suma, a intersecção das três áreas significa a consideração da diversidade funcional humana, propondo uma comunicação clara e acessível (Figura 3). Se utiliza de texto, imagem, diagramação, tipografia, leiaute, recursos de acessibilidade e o que mais for necessário para que as pessoas possam ler, compreender e utilizar a informação.

Figura 3: Relação das três áreas

Fonte: As autoras.

14.4 PESQUISA NO PPGDESIGN/UFPR

No PPGDesign/UFPR, dentro da linha de pesquisa em Design de Sistemas de Informação, algumas pesquisadoras têm procurado cada vez mais a inserção da linguagem simples enquanto área e prática aliada ao design da informação e, também, ao design inclusivo. A exemplo, sob a orientação de Juliana Bueno, a pesquisa em design da informação com o viés inclusivo já é desenvolvida desde sua atuação enquanto pós-doutoranda no programa e, agora, como professora do PPGDesign.

Com experiência em pesquisas no que tange design e acessibilidade, a referida pesquisadora integra o Laboratório de Design de Sistemas de Informação (LabDSI) do programa, orientando pesquisas de mestrado, doutorado e também iniciação científica, como a dissertação de Sanches (2018), que investigou imagens táteis impressas através de impressoras 3D para a educação de cegos.

Hoje, a discente Emilia Christie Picelli Sanches continua a pesquisa como doutoranda no PPGDesign, agora com recomendações para o projeto de imagens audiotáteis impressas em 3D para a educação inclusiva de cegos, aliando design da informação, design inclusivo e fazendo uso da linguagem simples.

A linguagem simples integra a pesquisa como uma prática para transformar as recomendações em um texto simples e conciso, de fácil entendimento para o leitor, se afastando da linguagem acadêmica e confusa anteriormente apresentada. As recomendações passaram por um processo de reescrita considerando as diretrizes de Fischer,

apresentadas no curso disponibilizado pela Escola Nacional de Administração Pública (ENAP, 2022).

As recomendações ainda seguirão para a organização visual, mas já são evidências do benefício da técnica em pesquisas acadêmicas focadas em design da informação e design inclusivo. A Figura 4 mostra o processo de criação das recomendações.

Figura 4: Processo de criação das recomendações



Fonte: As autoras.

As recomendações surgiram inicialmente dos resultados de uma Revisão Bibliográfica Sistemática (RBS) e entrevistas com especialistas no assunto. Em seguida, o conjunto de recomendações foi avaliado por outros especialistas, utilizando a técnica Delphi.

Com uma primeira validação, todas as recomendações passaram pelo processo de reescrita considerando a linguagem simples e as diretrizes sobre texto. Em seguida, um *card sorting* foi realizado para organizar a informação textual em categorias significativas para especialistas e potenciais usuários. Como próxima etapa, as recomendações serão organizadas em um artefato informacional, considerando os princípios do design da informação e, conseqüentemente, da linguagem simples. Por fim, o artefato será avaliado em um workshop de design e ajustado conforme resultados.

Mesmo sem a organização visual e avaliação, a seguir são apresentados dois exemplos de recomendações reescritas a partir das diretrizes da linguagem simples.

Primeiro exemplo

Recomendação anterior:

As imagens audiotáteis utilizam gravações em áudio para prover informações equivalentes à escrita Braille. Entretanto, de acordo com o contexto empregado, pode-se utilizar Braille para complementar a informação sonora, como títulos e marcações,

ou como mais uma alternativa de se acessar a mesma informação (ou seja, o mesmo conteúdo do áudio é também disponibilizado em Braille).

Recomendação após reescrita em linguagem simples:

1. Utilize Braille como uma alternativa para transmitir informações complementares ou equivalentes às gravações em áudio;
 - 1.1. Observe o contexto empregado para decidir se o uso do Braille será necessário;
 - 1.2. Exemplos: Braille em títulos e marcações para complementar a informação sonora; Braille disponibilizado com o mesmo conteúdo abordado no áudio.

Segundo exemplo

Recomendação anterior:

Os recursos sonoros não são somente verbais. Fazer uso de música e outros sons não verbais. Exemplos: som indicando erro ou acerto, sons lúdicos, sons ambientes, efeitos de som, sons de animais.

Recomendação após reescrita em linguagem simples:

2. Utilize recursos sonoros além da fala;
 - 2.1. Exemplos: música, sons lúdicos, sons de ambientes, sons de animais, efeitos de som.

É possível observar mudanças na escolha de palavras, no tamanho das frases, na organização da frase em ordem direta e, principalmente, na hierarquia da informação. As informações principais foram transformadas em uma frase curta e direta, que aparece primeiro e com destaque. As informações complementares aparecem em seguida, também em frases curtas e em tópicos, por vezes incluindo exemplos que contribuem para o entendimento da recomendação principal.

Essa reescrita aconteceu para todas as recomendações (atualmente, 45 ao total) e contou com a colaboração de uma discente bolsista de iniciação científica. A diagramação, complementação com imagens e outros elementos visuais são parte da próxima etapa.

Essa foi a primeira pesquisa do LabDSI e PPGDesign a utilizar linguagem simples concretamente. Entretanto, outras pesquisas e projetos de extensão também incorporaram a técnica como parte de seus processos.

É o caso do desenvolvimento de guias contendo recomendações para o desenvolvimento de materiais didáticos para o público de baixa visão, encabeçado por Juliana Bueno e com o envolvimento de discentes de iniciação científica e da pós-graduação em Design. Ainda em andamento, a pesquisa conta com a linguagem simples para que as informações sobre cor, tipografia, leiaute, diagramação, linguagem etc. sejam fáceis de serem entendidas por um público não especialista em design, como professores e pais de alunos com baixa visão. Resultados preliminares foram publicados em Antonioli e Bueno (2021) e Bueno, Lima e Antonioli (2021).

Outro projeto de exemplo foi a iniciativa da organização do 10^o Congresso Internacional de Design da Informação (CIDI) de propor um guia de acessibilidade de artigos voltado aos autores, escrito em linguagem simples. A equipe de acessibilidade do CIDI foi composta por pesquisadoras e discente do LabDSI e por discentes da graduação em Design Gráfico da UFPR.

No mais, sabe-se que a linguagem simples surgiu como uma técnica utilizada em textos de administração pública, mas há muito potencial do seu uso em qualquer outra informação escrita que tem por objetivo ser democrática e inclusiva. Assim como as recomendações aqui apresentadas, que são frutos de uma pesquisa de design da informação e design inclusivo sobre imagens audiotáteis impressas em 3D para estudantes cegos.

Dessa forma, as pesquisadoras enxergam a aliança das áreas da linguagem simples, design da informação e design inclusivo como positiva. Entendem, também, que a colaboração entre os pares e aproximação da pós-graduação com a graduação são fundamentais para disseminar cada vez mais a linguagem simples na área do design. Inclusive, a colaboração foi o principal motivo para a incorporação da técnica nas pesquisas do programa.

14.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem simples é uma técnica, área de pesquisa e causa social que visa deixar textos acessíveis e fáceis de ler para o público a qual a comunicação se destina. O objetivo deste artigo foi mostrar como há relação da linguagem simples com o design da informação e o design inclusivo, e que a técnica também pode ser incorporada nas pesquisas destas áreas. Para complementar, trouxe exemplos de aplicação da linguagem simples em pesquisas executadas dentro do LabDSI e PPGDesign/UFPR.

As autoras deste artigo possuem o intuito de expandir tanto a rede de colaboração entre pesquisadores interessados na linguagem simples quanto o uso da técnica dentro do design da informação e design inclusivo. Além de potenciais aplicações em outras pesquisas e da disseminação da área no curso de graduação em Design Gráfico da UFPR, também é possível ampliar para a rede externa à universidade, por meio de projetos de extensão.

Além disso, a própria linguagem simples é um vetor para transformar pesquisas acadêmicas em pesquisas acessíveis e inclusivas à população em geral, auxiliando na transmissão do conhecimento criado na universidade para fora dela, o que reforça o viés social desta prática.

Referências

- ANTONIOLLI, Karina de Abreu; BUENO, Juliana. Materiais gráficos para atendimento educacional especializado de pessoas com baixa visão: análise gráfica e requisitos. *In: Congresso internacional de design da informação, 10^o, 2021, Curitiba. Anais [...].* São Paulo: Blucher, 2021. p. 1689-1695.
- BENYON, David. *Designing user experience: a guide to HCI, UX and interaction design.* Harlow: Person, 2019.
- BUENO, Juliana; LIMA, Caroline Rodrigues de; ANTONIOLLI, Karina de Abreu. Público com baixa visão: recomendações para o desenvolvimento de materiais didáticos. *In: Congresso internacional de design da informação, 10^o, 2021, Curitiba. Anais [...].* São Paulo: Blucher, 2021. p. 616-629.
- CARVALHO, Luiz Paulo; CAPELLI, Claudia. Linguagem cidadã de processos em sistemas digitais. *In: Congresso internacional de ergonomia e usabilidade de interfaces humano-tecnologia e Congresso internacional de ergonomia e usabilidade de interfaces e interação humano-computador, 17^o, 2019, Rio de Janeiro. Anais [...].* São Paulo: Blucher, 2019. p. 1-13.
- CHICCA JUNIOR, Natal; CASTILLO, Leonardo Gómez; COUTINHO, Solange Galvão. A impressão 3D contribuindo em projetos de design da informação. *In: Congresso internacional de design da informação, 7^o, 2015, Brasília. Anais [...].* Brasília: Blucher, 2015. p. 1355-1360.
- COMUNICA SIMPLES. *A linguagem simples.* 2022. Disponível em: <https://comunicasimples.com.br/a-linguagem-simples/>. Acesso em: 24 jan. 2022.
- ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA. ENAP. *Curso Primeiros passos para uso de Linguagem Simples.* 2022. Disponível em: <https://www.escolavirtual.gov.br/curso/315>. Acesso em: 21 jan. 2022.

- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE LINGUAGEM CLARA. *O que é linguagem clara*. Plain Language Association International. 2022. Disponível em: <https://plainlanguagenetwork.org/plain-language/o-que-e-linguagem-clara/>. Acesso em: 19 jan. 2022.
- FISCHER, Heloisa. *Clareza em textos de e-gov, uma questão de cidadania*. Rio de Janeiro: Com Clareza, 2018.
- FISCHER, Heloisa; MONT'ALVÃO, Claudia; RODRIGUES, Erica dos Santos. Fator facilitador ou barreira para cidadãos acessarem e-serviços: o papel do texto em governo eletrônico. In: Congresso internacional de ergonomia e usabilidade de interfaces humano-tecnologia e Congresso internacional de ergonomia e usabilidade de interfaces e interação humano-computador, 17^o, 2019, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. São Paulo: Blucher, 2019. p. 250-265.
- FLESCH, Rudolf. *The art of plain talk*. Nova Iorque: Harper & Row Publishers, 1946.
- FRASCARA, Jorge. Data, information, design, and traffic injuries. In: OVEN, P. Č.; POŽAR, C. (orgs.). *On information design*. Liubliana: The Museum of Architecture and Design, 2016.
- GOMES, Danila. *Introdução ao design inclusivo*. Curitiba: Editora Appris, 2018.
- INCLUSIVE DESIGN RESEARCH CENTRE. IDRC. *What is inclusive design?* 2022. Disponível em: <https://idrc.ocadu.ca/about/philosophy/>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- INTERNATIONAL INSTITUTE FOR INFORMATION DESIGN. IIID. *What is information design?* 2022. Disponível em: <https://www.iiid.net/home/definitions/>. Acesso em: 24 jan. 2022.
- JACOBSON, Robert. *Information Design*. Cambridge: The MIT Press, 2000.
- LORANGER, Hoa. *Plain language is for everyone, even experts*. Nielsen Norman Group. 2017. Disponível em: <https://www.nngroup.com/articles/plain-language-experts/>. Acesso em: 19 jan. 2022.
- MAYER, Richard. *The Cambridge handbook of multimedia learning*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2005.
- MAYER, Richard. *Multimedia learning*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2009.
- MONT'ALVÃO, Claudia; ESTEVES, Carolina; DIAS, Mariana Furtado. Os desafios da tradução em ferramentas de pesquisa: a questão cultural e o design da informação. In: Congresso internacional de design da informação, 10^o, 2021, Curitiba. *Anais [...]*. São Paulo: Blucher, 2021. p. 915-926.
- NICOLLE, Colette; ABASCAL, Julio. *Inclusive design guidelines for HCI*. Londres: Taylor & Francis, 2001.
- PETTERSSON, Rune. *Information design: an introduction*. Amsterdam: John Benjamin Publishing Co., 2002.
- PLAIN LANGUAGE ASSOCIATION INTERNATIONAL. PLAIN. *What is plain language?* 2022. Disponível em: <https://plainlanguagenetwork.org/plain-language/what-is-plain-language/>. Acesso em: 24 jan. 2022.
- PONTIS, Sheila. *Making sense of field research: a practical guide for information designers*. Nova Iorque: Routledge, 2019.

- PREFEITURA DE SÃO PAULO. *Apostila do curso Linguagem Simples no Setor Público*. São Paulo: 011 lab, 2020.
- REDE LINGUAGEM SIMPLES BRASIL. *O que é linguagem simples?* 2022. Disponível em: <https://redelinguagem.simpl.editorx.io/rede-linguagem-br>. Acesso em: 27 jan. 2022.
- REDISH, Jenny C. What is information design? *Technical Communication*, Washington, v. 47, n. 2, p. 163-166, 2000.
- SANCHES, Emilia Christie Picelli. *Modelo de tradução para acessibilidade de imagens estáticas de objetos de aprendizagem através de impressão tridimensional*. Dissertação (Mestrado). Curitiba, Brasil: Universidade Federal do Paraná, 2018.
- SCHRIVER, Karen. Plain language in the US gains momentum: 1940-2015. *IEEE Transactions in Professional Communication*, v. 60, n. 4, p. 343-383, dez., 2017.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE DESIGN DA INFORMAÇÃO. SBDI. *Definições*. 2020. Disponível em: <http://www.sbd.org.br/definicoes>. Acesso em: 27 jan. 2022.
- TWYMAN, Michael. The graphic presentation of language. *Information Design Journal*, v. 3, n. 1, p. 2-22, 1982.
- WCAG. WEB CONTENT ACCESSIBILITY GUIDELINES 2.1. *Understanding success criterion 3.1.5: reading level*. 2018. Disponível em: <https://www.w3.org/WAI/WCAG21/Understanding/reading-level>. Acesso em: 27 mar. 2022.